

## ENTREVISTA



Durão Barroso na sua casa em Londres, fotografado esta quinta-feira à noite a partir de uma videochamada, enquanto decorria o Conselho Europeu

**José Manuel Durão Barroso** Ex-presidente da Comissão Europeia

# “Uma situação de guerra exige uma economia de guerra”

Texto **VÍTOR MATOS**  
Foto **TIAGO MIRANDA**

Fechado na sua casa de Londres, em isolamento voluntário desde 13 de março, José Manuel Durão Barroso conversou com o Expresso por telefone e videochamada. O antigo primeiro-ministro português — agora *chairman* no Goldman Sachs —, avalia a crise a partir da sua experiência de 10 anos como presidente da Comissão Europeia: é a favor dos *eurobonds*, acha que tem de haver uma resposta coordenada da União Europeia à crise, mas considera que neste momento o que importa não é a dívida: é conter o vírus e responder à emergência humanitária.

**Estava na primeira linha da crise financeira de 2008 como presidente da Comissão Europeia. Os líderes europeus aprenderam ou devemos preparar-nos para uma crise pior?**

**Na minha opinião**, esta crise do ponto de vista económico vai ser ainda pior do que a que começou em 2008. Mas há uma diferença fundamental: esta não é uma crise financeira como a de 2008, que depois se transmitiu à economia real...

**É ao contrário...**

**Exato.** É uma crise que começa com uma pandemia, que gera uma crise na economia real, com uma súbita e violenta destruição de valor e que depois assume aspetos financeiros. Este ponto é relevante, porque na crise financeira e das dívidas soberanas, a solução encontrada tinha de ser económica e financeira. Agora, a solução está fora do âmbito económico e financeiro: está na vitória sobre a pandemia, seja na sua contenção, seja pela descoberta de terapêuticas e vacinas eficazes.

**Mas até lá a economia está parada...**

**Sim.** As medidas económicas, sejam de natureza monetária ou orçamental, são absolutamente necessárias para mitigar os efeitos económicos e sociais que serão bastante grandes. No entanto, não é a política monetária ou orçamental que vai matar o vírus. Mas uma vez que se torne evidente que se consegue ultrapassar ou resolver a

crise da dívida pública, a recuperação económica depois desta crise pode ser mais rápida do que a que tivemos — com grandes custos sociais — na última grande crise financeira global. Comparando esta situação com 2008 temos pontos positivos e negativos.

**O que vê nisto de positivo?**

A situação dos bancos e do sector financeiro é relativamente muito melhor, em parte por causa das medidas tomadas como reação à anterior crise, o que leva o sector financeiro a estar melhor à partida, em termos de capitalização e liquidez — o que de qualquer modo não exclui alguma tensão. Em segundo lugar, houve maior rapidez e determinação na resposta dos bancos centrais, nomeadamente da Reserva Federal americana, do BCE e do Banco de Inglaterra. Houve também menos timidez na reação orçamental, onde os EUA bateram todos os recordes com o pacote anunciado pelo Senado. Na Europa, devemos reconhecer que as medidas orçamentais anunciadas a nível nacional são sem precedentes, mas, infelizmente, essas medidas não têm tido um contraponto equivalente na coordenação entre os países da UE.

**A resposta europeia é o aspeto mais negativo?**

É um dos aspetos negativos. Mas as medidas orçamentais já anunciadas pelos países são bastante importantes — até porque a Comissão Europeia tomou a iniciativa correta de praticamente suspender o Pacto de Estabilidade, o que permite flexibilidade orçamental. Devia haver coordenação no estímulo orçamental, além do que está a ser feito nos países. Esta crise é

mais global, mais generalizada e mais rápida que a de 2008. E tem um elemento essencial que é o medo: o medo da morte, e que leva à modificação do nosso modo de vida. É uma crise mais existencial ainda que a anterior.

**Um dos aspetos comuns a 2008 é os governos estarem a despejar dinheiro na economia. Mas depois, no refluxo, não vai haver o aumento das dívidas e das taxas de juro?**

Isso é praticamente inevitável. Há aumentos na dívida pública, independentemente da existência dos mecanismos europeus coordenados — que será o desejável. Mas não podemos colocar como prioridade o controlo da dívida pública. Estamos numa situação de guerra. Uma situação de guerra quase que por definição exige uma economia de guerra. Subscrovo o que tem dito Mario Draghi: neste momento, a questão da dívida não é aquela que deve predominar: estamos perante uma emergência humanitária. A dívida pública seria mais eficazmente gerida em termos de mutualização, mas o seu crescimento é inevitável. E vai atingir em todo o mundo níveis sem precedentes.

**Portanto, defende a mutualização da dívida europeia, os *coronabonds*... como nove líderes europeus defenderam contra os quatro “frugais”.**

Isso é praticamente inevitável. Há aumentos na dívida pública, independentemente da existência dos mecanismos europeus coordenados — que será o desejável. Mas não podemos colocar como prioridade o controlo da dívida pública. Estamos numa situação de guerra. Uma situação de guerra quase que por definição exige uma economia de guerra. Subscrovo o que tem dito Mario Draghi: neste momento, a questão da dívida não é aquela que deve predominar: estamos perante uma emergência humanitária. A dívida pública seria mais eficazmente gerida em termos de mutualização, mas o seu crescimento é inevitável. E vai atingir em todo o mundo níveis sem precedentes.

**Ou seja, a verdadeira iniciativa ficou toda do lado do BCE.**

A mutualização da dívida é inevitável.

vel, se quisermos manter uma moeda comum. Na prática, já está a acontecer por via do BCE. Quando o BCE compra dívida maciçamente e agora sem limites, dá um passo fundamental. Seja dívida pública ou dívida corporativa, das próprias empresas, está a dar uma ajuda sobretudo aos países e economias mais vulneráveis. Até pode ser que se chegue aos *eurobonds*. Provavelmente não se vai chegar lá no curto prazo. Alguns dos países que se opõem aos *eurobonds* veem a sua posição reforçada pelas medidas já anunciadas pelo BCE: não apenas pela baixa monetária sem precedentes, mas por fim dos limites aos mecanismos de compra da dívida terem reduzido a pressão sobre as dívidas soberanas, as taxas de juro e os *spreads*. Isso leva a que, pelo menos no imediato, não haja um problema. Preocupa-me que haja pelo menos um ou dois países com uma posição dogmática, moral e fundamentalista...

**Como a Holanda...**

**Sim**, contra a ideia de *eurobonds*, porque recusam à partida esse instrumento de solidariedade.

**António Costa chegou a classificar o discurso de um ministro holandês como “repugnante”. A violência retórica está a fazer regressar a divisão Norte-Sul. A Europa sobrevive a isto?**

Continuo a acreditar que sobrevive, porque sou influenciado pela minha experiência: recordo-me que a generalidade dos analistas previam que a Grécia saía do euro e prémios Nobel da Economia diziam que o euro ia chegar ao fim. Continuo a acreditar na resiliência da UE e da zona euro. Mas estou muito preocupado com este tipo de discurso, porque em política as palavras têm efeitos políticos imediatos, na economia, e até podem representar um desafio existencial quanto ao futuro da UE. A crise da solidariedade e a própria ideia de coordenação é, sem dúvida, um risco existencial para a UE.

**Acredita num plano de investimento sem precedentes? E de onde vem o dinheiro? Os países não querem usar o Mecanismo Europeu de Estabilidade (MEE), porque quem pedir dinheiro dá a entender que está a ser resgatado...**

**Exatamente.** Tem razão de alguma forma a Itália quando diz que o MEE não foi desenhado para este tipo de crise, foi desenhado para uma crise financeira. Se não houver um mecanismo generalizado e houver o recurso apenas de um ou outro país com uma posição mais vulnerável, pode criar um estigma que vai gerar ainda maior desconfiança nos mercados e agravar o problema. Mas há que compreender que nessas matérias é preciso consenso. Parte da resposta estará nas perspetivas financeiras para o próximo ciclo.

**Mas o Norte também tem sido muito restrito no orçamento europeu... não quer gastar mais.**

Vai ter de se ultrapassar a resistência de alguns desses países. Posso estar enganado, mas como a Alemanha vai ter a presidência do Conselho da UE durante o segundo semestre deste ano, a senhora Merkel vai querer deixar em termos de herança europeia uma posição mais forte do que aquela que se lhe reconhece. Acho que a Alemanha vai ter um papel importante para ultrapassar as reticências dos países mais duros.

**Há uma frase de António Costa impressionante: “Há uma mesquinhez que está a ameaçar a UE.” Acho que se dirige à Holanda. Concorde que há uma mesquinhez destes países?**

Não diria dos países, mas dos Governos. Sim, acho que sim. Mas do que é uma expressão correta. Mas atenção: os outros países também são democráticos. E os Governos também têm de aparecer como defendendo o seu interesse nacional. Claro que me revolta também, mas em termos políticos temos de ter como adquirido que há diferentes perceções nos diferentes países e que as decisões da UE são tomadas por consenso.

**Tem havido sensibilidade humana na gestão da crise?**

Começamos a ter vezes que sustentam que não se pode dar uma prioridade à questão humanitária porque depois a questão económica traz problemas muito maiores a médio prazo. Quase que se dirá que, nessa perspetiva, temos de aceitar que vai haver um número muito maior de mortes porque senão a economia não vai recuperar. É a posição de alguns, incluindo líderes empresariais. É revoltante. Já ouvi a própria palavra “senicídio”, ou seja, como são velhos podem morrer. Isto é absolutamente inaceitável. A primeira prioridade de uma sociedade e de qualquer sistema organizado de vida humana tem de ser esse valor acima de qualquer outro e não pode ser o de conforto económico das sociedades.

**Como tem acompanhado a situação portuguesa?**

Há que realçar o que me parece ser a convergência dos órgãos de soberania: Presidente, Assembleia e Governo. Há alguns problemas estruturais, como o subfinanciamento do SNS e as conhecidas dificuldades administrativas. Mas não sei que impacto isso está a ter na resposta. Portugal teve a sorte de esta pandemia ter chegado mais tarde do que a outros países e por as autoridades poderem, felizmente, tomar medidas mais precoces.

**Portugal tem margem para atacar os efeitos económicos da crise?**

Estamos mais preparados do ponto de vista financeiro do que estávamos em 2008/2009, também pela resposta do BCE. Pensa que os riscos de *default* são à partida menores. Mas temos de evitar qualquer complacência.

**O Banco de Portugal falava numa queda de 5% do PIB... isso não é conservador?**

Acredito mais nas previsões que falam numa queda na zona euro de 9%. Por exemplo, a Alemanha estará perto dos 9%; a Itália estará superior a 11% e a Espanha 10%. Nesse contexto, Portugal vai estar claramente acima dos 4% ou 5% de que tenho ouvido falar. Até porque a nossa economia tem uma vulnerabilidade maior, que é a sua dependência do sector do turismo, ao contrário dos países mais industrializados.

vmatos@expresso.imprensa.pt

“  
A CRISE DA SOLIDARIEDADE É UM RISCO EXISTENCIAL PARA A UE  
”